

**MENINAS A BRINCAR NO JARDIM**





Acrílico s/ tela 50 x 60 cm – 2001



Maria Ana pensava. “Pensar cansa, credo! O que será que acontece dentro da cabeça quando pensamos? São tudo células, têm nomes e as minhas não param quietas! Sinto-as a mexer o tempo todo!”

Na verdade, meia hora antes, alguns neurónios tinham ido buscar um escadote bem alto para conseguirem chegar a um calhamaço enorme que estava numa prateleira. Como era pesadíssimo, tinha sido complicado trazê-lo para baixo, mas tinham-no conseguido. Tinham arrastado uma mesa na qual o tinham pousado e, abrindo-o, entre exclamações de espanto, leram a página de rosto, onde se anunciavam histórias tão convidativas que vividas à luz do dia ou enquanto Maria Ana dormia, seriam, com certeza, deliciosas.

A primeira era a história da princesa Maria Ana que um dia se vira com um reino nos braços e dez milhões de súbditos resmungões. Um dos neurónios maiores estava nervosíssimo. Tinha recebido uma quantidade de sinapses ao mesmo tempo. Estava quase em estado de choque. Era demais! Já tinha ouvido falar de outras princesas, mas do reino da princesa Maria Ana descrito assim com requintes de pormenor que logo o faziam evocar outra história sua bem conhecida, isso era novo!

Ora então, três neurónios debruçavam-se sobre o livro e tentavam segurar a folha que parecia agitada. Maria Ana estava, sem dar conta, exactamente no trajecto de uma valente corrente de ar que lhe entrava pelo ouvido esquerdo e passava direitinha sobre a grande mesa na qual se encontrava o livro. Aliás, a força que os axónios tinham que fazer era tanta que as caudas abanavam sem parar, de nervoso miudinho. Os neurotransmissores, habituados à mediação, bufavam por todos os lados e tinham até dificuldade em contactar os dendritos, tão agitados e excitados estavam!

Mas, realmente, exageravam. Maria Ana estava a pensar no que encontrara, dias antes, no sítio onde se encontra quase tudo o que é interessante: uma pequena caixa em madeira um tanto ou quanto carcomida, pousada sobre uma secretária antiga, no sótão de casa da bisavó.

Sentiu-lhe a leveza ao pegar nela. Quando a abriu, tarefa não muito fácil, encontrou lá dentro um papel amarelecido pelo tempo, no qual alguém escrevera o que parecia ser uma mensagem: “Vive! Vive dia e noite, vive de olhos abertos ou fechados, mas vive! Agarra o momento! Cada momento da vida é importante”. Embora lhe parecesse familiar, a ideia não deixou de causar impacto nela.

O maior desgosto de Maria Ana era não ter uma irmã mais nova. Mais nova porque as irmãs mais velhas têm quase sempre uma tendenciazinha para mandar e ela não estava para isso.

Por ser única, a Maria Ana da história tinha herdado um reino complicado para governar e manter direitinho, o que lhe desagradava sobremaneira, pois não tinha sido fadada para tratar de coisas demasiado sérias, assim tão nova.

O mais curioso de tudo isto é que ambas haviam encontrado a mesma solução para o problema: imaginaram uma irmã mais nova, companheira constante com quem se sentiam completamente à vontade. Ana Maria era o nome de uma e de outra. Nova coincidência? O importante era que rapidamente se tinham materializado aos olhos de ambas e tecido entre si uma cumplicidade que tinha vindo a crescer.

Era o Reino-do-Faz-de-Conta? Paciência! Era bem mais agradável ter com quem partilhar o dia-a-dia.

A princesa Maria Ana era uma sonhadora. Gostava de correr sem rumo e de sentir o vento leve a bater-lhe de frente no rosto. Saía com Ana Maria do palácio, sem que ninguém desse conta, parando só quando se sentiam cansadas. Aí, deitavam-se sobre a caruma dos pinheiros, imaginando o mundo de pernas para o ar e todo ao contrário. Era divertido, às vezes embaraçoso, mas, decididamente, um gozo. Ser muito certinho e ter os pés sempre assentes na terra era enfadonho, sobretudo quando os conselheiros do reino insistiam tanto nisso.

Maria Ana era, em parte, semelhante à princesa da história, mas, acima de tudo, gostava de brincar, aproveitando o facto de estar quase a ultrapassar a idade em que os adultos acham que isso ainda é normal. Atravessava o caminho que, só por acaso não era uma estrada de tijolos amarelos, e, com Ana Maria, inventava brincadeiras simples, entretendo-se ambas horas a fio.

A solidão só voltava quando, indecentemente, uma e outra eram chamadas à realidade: Maria Ana, a princesa, porque o ministro (com muitas pastas) lhe pedia que assinasse um novo decreto que deveria ser promulgado. A outra Maria Ana, porque a mãe a chamava para vir estudar. Ah! Essa coisa dos testes, dos trabalhos, dos manuais quase sempre sensorões era um aborrecimento constante. Aprendia muito mais fora deles...

Mas as quatro tinham apostado em viver entre os dois mundos. Na verdade, como aquelas pessoas sábias que vão aprendendo a tornar os dias mais curtos, elas já tinham percebido que há pequenos truques para fazer a vida menos pesada.

O mais fácil de todos era o fazer-de-conta, imaginando um mundo que não existe. Ou será que existe?

P.S. Obrigada, Lewis Carroll, por ter querido permanecer na minha memória!

